



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

ALINE ANDRÉA ARPINI

**TRABALHO, GÊNERO E PERFIL DE TRABALHADORES:
UM ESTUDO DAS MULHERES TRABALHADORAS DA INDÚSTRIA METAL
MECÂNICA DE ERECHIM**

**ERECHIM
2015**

ALINE ANDRÉA ARPINI

**TRABALHO, GÊNERO E PERFIL DE TRABALHADORES:
UM ESTUDO DAS MULHERES TRABALHADORAS DA INDÚSTRIA METAL
MECÂNICA DE ERECHIM**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciada em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul.

ORIENTADOR: PROF. DR. LUIS FERNANDO SANTOS CORRÊA
DA SILVA.

**ERECHIM
2015**

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Arpini, Aline Andrea

TRABALHO, GÊNERO E PERFIL DE TRABALHADORES: : UM ESTUDO DAS MULHERES TRABALHADORAS DA INDÚSTRIA METAL MECÂNICA DE ERECHIM/ Aline Andrea Arpini. -- 2015. 49 f.

Orientador: Luís Fernando Santos Correa da Silva . Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Ciências Sociais Licenciatura , Erechim, RS , 2015.

1. As Relações entre Tempo e Trabalho. 2. Mudanças no Mercado de Trabalho e Papéis de Gênero. 3. Perfil de trabalhadores e desigualdades na Indústria Metal-Mecânica de Erechim. I. , Luís Fernando Santos Correa da Silva, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

ALINE ANDRÉA ARPINI

**TRABALHO, GÊNERO E PERFIL DE TRABALHADORES:
UM ESTUDO DAS MULHERES TRABALHADORAS DA INDÚSTRIA METAL
MECÂNICA DE ERECHIM**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciada em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul.

ORIENTADOR: PROF. DR. LUIS FERNANDO SANTOS CORRÊA DA SILVA.

Este trabalho de conclusão de curso foi deferido e aprovado pela banca em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luis Fernando Santos Corrêa da Silva

Profa. Ms. Naira Estela Roesler Mohr

Prof. Dr. Thiago Ingrassia Pereira

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família pelo apoio e incentivo recebido durante esta etapa. Agradeço a minha vó Horaides (*in memorian*) pelo apoio e por estar próxima a mim na construção deste trabalho.

Ao meu filho Gabriel, se por vezes me fiz ausente devido a tarefas da Universidade, agradeço novamente pela compreensão.

Meu namorado Gabriel sempre compreensível e atencioso, me apoiando nos momentos mais difíceis e dividindo os momentos de alegrias.

Professor Luís Fernando por ser meu orientador e pela confiança em mim depositada. Por ser sempre muito atencioso.

Aos colegas e amigos conquistados na UFFS e no grupo PIBID, obrigada pela parceria e por dividir comigo momentos tão especiais.

Vilmar, obrigada por me mostrar o quão bom é a Sociologia.

Fred e Elis por estarem do meu lado durante todo este tempo.

Lauriana pelos bons tempos no Seminário e pela amizade cultivada até hoje.

“Todo dia ela faz tudo sempre igual
Me sacode às seis horas da manhã
Me sorri um sorriso pontual
E me beija com a boca de hortelã
Todo dia ela diz que é pra eu me cuidar
E essas coisas que diz toda mulher
Diz que está me esperando pro jantar
E me beija com a boca de café
Todo dia eu só penso em poder parar
Meio dia eu só penso em dizer não
Depois penso na vida pra levar
E me calo com a boca de feijão
Seis da tarde como era de se esperar
Ela pega e me espera no portão
Diz que está muito louca pra beijar
E me beija com a boca de paixão
Toda noite ela diz pra eu não me afastar
Meia-noite ela jura eterno amor
E me aperta pra eu quase sufocar
E me morde com a boca de pavor”

Cotidiano – Chico Buarque

RESUMO

Este trabalho se propõe investigar a realidade de trabalho das mulheres trabalhadores da Indústria Metal-Mecânica da cidade de Erechim. Existe uma preocupação no que tange a dupla de jornada de trabalho dessas trabalhadoras, e para compreender o cotidiano e a realidade de trabalho delas, buscamos resgatar alguns conceitos e estudos importantes sobre a questão do tempo e do trabalho, dos aspectos de gênero e divisão sexual do trabalho e através do banco de dados da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) do Ministério do Trabalho e Emprego, conhecer o perfil dos trabalhadores da indústria metal-mecânica da cidade de Erechim. Primeiramente abordamos a questão do tempo e do trabalho levando em consideração estudos realizados sobre a temática. Apresentamos o relógio e sua contribuição diante de um possível sintoma de disciplina, resgatando aspectos sobre a medição do tempo, e sua relação com os processos familiares no ciclo de vida do trabalho. Abordamos a questão das tarefas domésticas, algumas das mudanças ocorridas até o século XXI e de que forma nossa sociedade adaptou-se a elas. Busca-se trazer questões relativas às mudanças ocorridas no mundo do trabalho e das relações e papéis que foram estabelecidas para homens e mulheres no que diz respeito ao mercado de trabalho. Concluimos, por fim, a existência de uma desigualdade salarial de gênero em jornadas muito semelhantes de trabalho, considerando que as mulheres ainda precisam dar conta de uma dupla jornada de trabalho.

Palavras chave: Sociologia do Trabalho, Indústria Metal Mecânica

RESUMÉ

Cette étude vise à examiner la réalité du travail des travailleuses métal-mécanique Industrie dans la ville de Erechim. Il est préoccupé par la paire de ces travailleurs les heures de travail, et de comprendre la vie et le travail quotidien la réalité d'entre eux, nous cherchons à sauver certains concepts et d'importantes études sur la question de temps et de travail, les questions de genre et de la division sexuelle travailler et à travers la base de données de la RAIS (information sociale annuelle) du ministère du Travail et de l'Emploi, connaître le profil des travailleurs dans l'industrie métallurgique dans la ville de Erechim. Premièrement, nous abordons la question de temps et de travail en vue d'études sur le sujet. Présentation de l'horloge et sa contribution devant un symptôme possible de la discipline, les aspects rachat de la mesure du temps, et de sa relation avec les procédures de la famille dans le cycle de la vie active. Nous abordons la question des tâches domestiques, quelques-uns des changements apportés à la vingt et unième siècle et la façon dont notre société a adapté pour eux. L'objectif est d'amener les questions relatives aux changements dans le monde du travail et les relations et les rôles qui ont été établis pour les hommes et les femmes en ce qui concerne le marché du travail. Nous avons conclu, enfin, qu'il existe un écart de rémunération entre les sexes dans les heures de travail très similaires, alors que les femmes ont encore à réaliser une double journée de travail.

Mots-clés: sociologie du travail, Mécanique Industrie métalliques

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição dos trabalhadores da indústria metal-mecânica do município de Erechim, por Subsetor do IBGE (dezembro/2014).....	38
Gráfico 2 – Distribuição dos trabalhadores da indústria metal-mecânica do município de Erechim, por sexo (dezembro/2014).....	39
Gráfico 3 – Distribuição dos trabalhadores da indústria metal-mecânica do município de Erechim, por escolaridade agregada (dezembro/2014).....	40
Gráfico 4 – Distribuição dos trabalhadores da indústria metal-mecânica do município de Erechim, por faixa etária (dezembro/2014).....	41
Gráfico 5 – Horas contratadas dos trabalhadores da indústria metal-mecânica do município de Erechim, por sexo (dezembro/2014).....	42
Gráfico 6 – Salário médio na indústria metal-mecânica do município de Erechim, por sexo (valores nominais, média anual, em Reais).....	43
Gráfico 7 – Tempo médio de emprego na indústria metal-mecânica do município de Erechim, por sexo (em meses, dezembro/2014).....	44

LISTA DE SIGLAS

FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço)

FIBGE (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

IBGE (Instituto Brasileiro de geografia e Estatística)

MTE (Ministério do Trabalho e Emprego)

ONU (Organização das Nações Unidas)

PASEP (Programa de Formação de Patrimônio do Servidor Público)

PIS (Programa Integração Social)

PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios)

RAIS (Relação Anual de Informações Sociais)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – AS RELAÇÕES ENTRE TEMPO E TRABALHO.....	15
1.1. Tempo e trabalho: dimensões históricas.....	15
1.2. Tempo e trabalho: dimensões conceituais.....	19
CAPÍTULO II – Mudanças no mercado de trabalho e papéis de gênero.....	25
2.1 Mulheres no mercado de trabalho.....	25
2.2 Gênero e Trabalho: as variabilidades do espaço.....	29
CAPÍTULO III – Perfis de trabalhadores e desigualdades na indústria metal-mecânica de Erechim.....	35
3.1 Distritos industriais.....	35
3.2 Distrito Industrial da cidade de Erechim.....	36
3.3 Perfil dos trabalhadores da Indústria Metal-Mecânica de Erechim: uma abordagem de gênero.....	37
CONCLUSÃO.....	46
REFERÊNCIAS.....	48

INTRODUÇÃO

A história do meu tema de pesquisa existe mesmo antes de eu iniciar o meu Trabalho de Conclusão de Curso nas Ciências Sociais. Originou-se de uma inquietação vivida durante a graduação, e que precisava ser explicitada, mostrada e compartilhada com outros atores. Apesar de um TCC ser escrito individualmente, ele é fruto da relação com outras pessoas. Porém, como o trabalho é constituído no coletivo, este trabalho também será coletivo, mas sistematizado por mim.

Nas últimas décadas do século XX o país passou por importantes transformações demográficas, culturais e sociais que tiveram grande influência na ampliação do trabalho feminino. Além dessas transformações demográficas, mudanças de padrões culturais e nos valores relativos ao papel social da mulher, alternaram a identidade feminina, cada vez mais voltada para o trabalho remunerado. Ao encontro dessas mudanças, a expansão da escolaridade e o ingresso nas universidades viabilizaram o acesso destas mulheres a novas oportunidades de trabalho. Estes fatores contribuíram para explicar não apenas o crescimento da atividade feminina, mas também, as suas transformações no perfil da força de trabalho.

Apesar das inúmeras transformações, muita coisa permanece igual. As mulheres permanecem como as principais responsáveis pelas atividades domésticas e cuidados com os filhos e demais familiares, o que representa uma sobrecarga para aquelas que também realizam atividades econômicas (BRUSCHINI, 2007).

O debate teórico e as pesquisas sobre o trabalho feminino tomaram um novo rumo quando passaram a focalizar a articulação entre o espaço produtivo e a família, ou espaço reprodutivo. Para compreender o processo de trabalho feminino, é importante que façamos um estudo sobre o tempo (e aqui falamos do tempo com ênfase sua dupla jornada de trabalho das trabalhadoras).

Muitas são as escritas filosóficas sobre o tempo. Estas concepções já se faziam presentes na Grécia Antiga: o tempo *Chronos* frente a *Áion*, do qual Gilles Deleuze nos lembrou de que modo se diferem:

Chronos é o presente que existe e que faz do passado e do futuro suas duas dimensões sempre dirigidas, tais que se vai do passado ao futuro, mas á medida que os presentes se sucedem nos mundos ou nos sistemas parciais. Áion é o passado-futuro em uma subdivisão infinita do momento abstrato, que não cessa de decompor-se nos dois sentidos de uma só vez, esquivando para sempre todo o presente (Deleuze, 1997, p.45).

O estudo em relação ao tempo existe a muitos anos, e conta com a contribuição de diversos pensadores. É válido refletir sobre a importância de realizar uma análise acerca dessa temática, não esquecendo, portanto, o legado e conteúdos que inúmeros pensadores já realizaram sobre o mesmo.

Os físicos, por sua vez, diziam medir o tempo servindo-se de fórmulas matemáticas nas quais o tempo desempenha o papel específico. Entretanto, o tempo não deixa de respirar, ver, tocar e ouvir. Como podemos medir algo que não podemos perceber através dos sentidos? A “hora” é algo invisível (ELIAS, 1998).

Os relógios não permitem medir o tempo invisível, e sim, algo perfeitamente passível de ser captado, como a duração de um dia de trabalho, ou de um eclipse lunar. De acordo com Elias (1998), os relógios são processos físicos que a sociedade padronizou, decompondo-os em sequência modelo de recorrência regular, como as horas e os minutos.

Assim como o conceito do Tempo, o do Trabalho também vem passando por inúmeras transformações, com importantes implicações para a temporalidade social e para a teoria sociológica. Podemos pensar o relógio como uma espécie de controle das horas trabalhadas dentro da empresa, em que o trabalhador tem hora para iniciar e encerrar o expediente, hora do almoço, e muitas vezes a sua produtividade pode ser controlada pela hora, visto que a empresa exige uma determinada produção em um determinado tempo. Podemos pensar o relógio como uma espécie de controle de horas de uma mulher nos seus afazeres domésticos, cuidado com os filhos e em grande parte, que ainda dedicam-se aos estudos. (Re)significar o conceito de trabalho envolve a construção de um modelo organizacional e econômico que não leve em conta somente o trabalho produtivo, não aprofunde desigualdades com base no gênero, na raça/etnia e geração, e que respeite a legislação nacional, os tratados regionais e ou internacionais.

Desde os tempos imemoriais, as religiões, a filosofia, os mitos, a poesia e a arte têm sido importantes instrumentos de conhecimento, desvendando lógicas do inconsciente coletivo, da vida cotidiana e do destino humano (MINAYO, 2012).

A cientificidade, segundo Minayo (2012), não pode reduzir-se a uma só forma de conhecer, ou seja, ela pré-contém maneiras concretas e potenciais de realização. Existe uma diferenciação entre métodos específicos das ciências sociais e das ciências físico-naturais e biológicas. O objeto das ciências sociais é histórico, as sociedades humanas existem num determinado espaço cuja formação social e cultural são específicas. Uma característica das ciências sociais é que ela trabalha no nível da identidade entre o sujeito e o objeto da investigação.

O conhecimento científico pode ser traduzido pela busca de articulação entre a teoria e a realidade empírica. O método tem como função fundamental, tornar plausível a abordagem da realidade a partir das perguntas feitas pelo investigador.

Desenvolvendo uma proposta de investigação e desenrolando as etapas de uma pesquisa, o investigador trabalha com o reconhecimento, a conveniência e a utilidade de métodos disponíveis, em face do tipo de observações necessárias para se cumprirem os objetivos do trabalho (MINAYO, 2012).

O problema de pesquisa que orienta essa pesquisa pode ser formulado do seguinte modo: Qual o perfil das trabalhadoras do setor metal-mecânico do município de Erechim? Que relações são possíveis supor entre esse perfil e a dupla jornada de trabalho, aspecto largamente caracterizado nos estudos que relacionam as temáticas de gênero e trabalho?

O objetivo desta pesquisa visa conhecer o perfil das trabalhadoras do setor metal-mecânico do município de Erechim/RS, de modo a problematizar aspectos relativos a sua dupla jornada diária. De imediato, cabe mencionar que tínhamos o interesse de realizar estudo qualitativo que pretendia dar voz às mulheres trabalhadoras que atuam nesse segmento de mercado. Contudo, o tempo exíguo destinado à realização do Trabalho de Conclusão de Curso e a conseqüente impossibilidade de submissão à Comissão de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFFS acarretou em mudanças na metodologia adotada no estudo.

Desse modo, optamos por realizar uma pesquisa quantitativa, baseada em dados secundários da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Os dados relativos ao mercado de trabalho formal da indústria metal-mecânica de Erechim foram submetidos a tratamento estatístico, mediante análise descritiva de indicadores como a composição do emprego por sexo, levando em consideração variáveis como faixa etária, faixa de escolaridade, tempo de emprego, salário médio e horas contratadas.

A realização do estudo se justifica porque realizaram-se muitas pesquisas sobre esta temática, porém, nenhum aborda especificamente a questão da mulher trabalhadora na indústria metal-mecânica de Erechim. Por outro lado, o estudo pode contribuir para o acúmulo teórico sobre o tema, sobretudo no que se refere às características dos mercados de trabalho industriais fora dos grandes centros urbanos do país.

Este trabalho está dividido em três capítulos. No Capítulo 1 abordaremos a questão do tempo e do trabalho levando em consideração o debate teórico sobre a temática. Apresentamos o relógio e sua contribuição diante de um possível sintoma de disciplina. Resgatamos aspectos sobre a medição do tempo, e sua forma de relação com os processos

familiares no ciclo de vida do trabalho ou das tarefas domésticas, bem como, das mudanças ocorridas até o século XXI e de que forma nossa sociedade adaptou-se a elas.

No Capítulo 2 apresentamos uma reflexão acerca das mudanças ocorridas no mundo do trabalho e das relações e papéis que foram estabelecidos para homens e mulheres. Abordaremos o conceito de divisão sexual do trabalho, apresentando algumas das transformações ocorridas ao longo dos anos no que diz respeito à vida profissional e ao trabalho das mulheres.

O Capítulo 3 apresenta dados obtidos no banco de dados da RAIS sobre os trabalhadores da indústria metal-mecânica de Erechim. Através destes dados, é possível visualizar a realidade atual destes trabalhadores, principalmente, a realidade das trabalhadoras da indústria, que é nosso objeto de pesquisa.

CAPÍTULO I – AS RELAÇÕES ENTRE TEMPO E TRABALHO

Neste capítulo abordaremos a questão do tempo e do trabalho resgatando importantes estudos já realizados sobre esta temática. Apontamos para o surgimento do relógio e sua contribuição para uma possível criação do sintoma de disciplina. Investigamos a influência, direta ou indireta, sobre as mudanças ocorridas no mercado de trabalho, visto que o mesmo pode ser guiado por outros fatores, como a divisão de tarefas, não necessitando apenas do auxílio do relógio. Apresentamos aspectos sobre a medição do tempo, e a forma que se relaciona com os processos familiares no ciclo de vida do trabalho ou das tarefas domésticas.

Na seção 1.2 apresentamos algumas transformações para tempo e trabalho a partir da contribuição de autores da filosofia, sociologia e outros pensadores sobre esta temática, visando trazer a discussão para a realidade atual.

Por fim, apresentamos algumas das mudanças ocorridas até o século XXI e de que forma nossa sociedade adaptou-se a elas.

1.1. Tempo e trabalho: dimensões históricas

A discussão sobre a relação entre o tempo e o trabalho é de grande relevância neste estudo. Buscando aprofundar o universo do trabalho das mulheres trabalhadoras da indústria metal mecânica e considerando a existência de uma dupla jornada de trabalho (já que muitas destas trabalhadoras são mães, donas de casa, estudam, dentre outras atividades fora do vínculo empregatício), cabe resgatar o debate teórico sobre a questão do tempo e do trabalho, fazendo uma provocação sobre a forma como estas trabalhadoras distribuem o seu tempo nas atividades exercidas diariamente, visto que a sociedade tornou os indivíduos hiperdemandados.

Segundo Thompson, entre os anos 1300 e 1650 presenciaram-se importantes mudanças na percepção do tempo no âmbito cultural e intelectual da Europa Ocidental. Se pela natureza ele conhecesse cada ascensão, do equinócio naquela cidade, o contraste entre tempo e natureza e o tempo do relógio é apontado na imagem. Não cabe discutir se tal mudança foi causada pela divisão de relógios a partir do século XIV em diante e até que ponto foi ela própria o sintoma de uma nova disciplina puritana e exatidão burguesa.

Na medida em que o século XVII avançava, a imagem do mecanismo do relógio expandia-se. Na metade do século XVIII o relógio já alcançava níveis mais íntimos, quando o

pai de Tristram Shandy (um dos homens mais regrados em tudo o que fazia) criou um hábito durante muitos anos de sua vida, na noite do primeiro domingo do mês ele dava corda a um grande relógio que tinha no topo da escada dos fundos.

As minhas encomendas de vários relógios para o interior foram canceladas, porque agora nenhuma dama recatada ousa falar em dar corda a um relógio sem se expor aos olhares maliciosos e as piadas da família [...] Sim, agora a expressão comum das prostitutas é: “Meu senhor não quer dar corda ao meu relógio” (THOMPSON, 1998).

É pouco provável que impressionismos contribuam na investigação sobre até que ponto e de que maneira estas mudanças no senso do tempo afetaram a disciplina do trabalho, e até que ponto influenciou a percepção interna de tempo dos trabalhadores. Se a transição para a sociedade industrial acarretou uma reestruturação dos hábitos de trabalho, novas disciplinas, estímulos e uma nova natureza humana em que os estímulos atuassem efetivamente, até que ponto relaciona-se com mudanças na notação interna do tempo?

De acordo com Thompson (1998) a medição do tempo, nos povos primitivos, está intimamente ligada com os processos familiares no ciclo de vida do trabalho ou das tarefas domésticas, como dos nuer¹ por exemplo: “O relógio diário é o do gado, a rotina das tarefas pastorais, e para um nuer as horas do dia e a passagem do tempo são basicamente a sucessão dessas tarefas e a sua relação mútua”. Se trouxermos a realidade em Madagascar, o tempo pode ser medido pelo cozimento do arroz (cerca de meia hora) ou pelo fritar de um gafanhoto (cerca de um minuto).

O trabalho do amanhecer até o crepúsculo pode parecer “natural” numa comunidade de agricultores, especialmente em épocas de colheita, em que a natureza exige que os grãos sejam colhidos antes que iniciem tempestades e se observarmos ritmos de trabalho “naturais”. Acompanhando ocupações rurais ou industriais, deve-se cuidar das ovelhas na época do parto, as vacas devem ser ordenhadas, cuidar do fogo para que não se espalhe nas turfas, quando os ferros estão sendo feitos as fornalhas não podem apagar.

1 “Quando Evans-Pritchard fez sua pesquisa entre os Nuer, entre 1930 e 1936, informava que eram aproximadamente 200 mil, vivendo ao sul da confluência do Nilo com o Sobat e o Bahr el Ghazal, na então colônia britânica do Sudão (1940: 3). Dizia, na mesma passagem, que sua semelhança com os vizinhos e inimigos Dinka era notável, que reconheciam ambos sua origem comum, e que não se conhecia “a história de sua divergência” (idem). Os Nuer continuam na mesma região, agora pertencente ao Sudão independente, e são hoje bem mais numerosos: em 1982, eram 740 mil no Sudão, e 40 mil na Etiópia. Em conjunto com os Dinka, cuja população é duas vezes maior, constituem a esmagadora maioria no Sudão meridional, onde também se encontram outras etnias. Os acontecimentos destas últimas décadas mostram que as “divergências” entre Nuer e Dinka não só permanecem, como foram acirradas por conflitos mais amplos e pela introdução de armamento pesado. Mostram ainda que as “semelhanças” entre ambos, aquelas que Evans-Pritchard identificava como estruturais, persistem igualmente.” (PERRONE-MOISES, 2001, p. 128)

Thompson (1998), alerta para três orientações sobre as tarefas. A primeira, que há a interpretação que é mais humanamente compreensível do que trabalho de horário marcado. Segundo, em comunidades em que orientações pelas tarefas é comum parece haver pouca separação entre trabalho e a vida, pois mistura-se as relações sociais e o trabalho, não havendo senso de conflito entre trabalho e “passar do dia”. E o terceiro, aos homens com o trabalho marcado pelo relógio, essa atitude parece perdulária e carente urgência.

A orientação pelas tarefas torna-se complexa em situações que exijam mão de obra, pois a economia do pequeno agricultor pode ser orientada por tarefas, mas em seu interior pode haver divisão de trabalho, alocações de papéis e disciplina de empregador-empregado entre o agricultor e seus filhos. Mesmo neste caso o tempo está começando a se transformar em dinheiro, o dinheiro do empregador. No momento em que se contrata mão de obra, é visível a orientação de tarefas por horário marcado (THOMPSON, 1998).

A verdade é que a regulação de tempo de trabalho, também pode ser feita independente de relógio. Aqueles que são contratados ensaiam uma distinção entre o tempo do empregador e o seu próprio tempo. O empregador de usar tempo de sua mão de obra e cuidar para não desperdiçá-lo: o que predomina agora não é a tarefa, mas o valor do tempo quando reduzido a dinheiro. “O tempo agora é moeda: ninguém passa o tempo, e sim se gasta” (THOMPSON, 1998).

De acordo com (Franklin *apud* Weber, 1974) :

“Lembra-te que o tempo é dinheiro. Aquele que pode ganhar dez xelins por dia seu trabalho vai passear, ou fica vadiando metade do dia, embora não despenda mais do que seis pence durante seu divertimento ou vadiação, não deve computar apenas essa despesa; gastou, na realidade, ou melhor, jogou fora, cinco xelins a mais. Lembra-te de que o dinheiro é de natureza prolífica, pro-criativa. O dinheiro pode gerar dinheiro e seu produto pode gerar mais, e assim por diante, Cinco xelins em giro são seis; novamente empregados, são sete e três pence², e assim por diante, até atingir cem libras. Quanto mais houver dele, mais ele produz em cada turno, de modo que o lucro aumenta cada vez mais rapidamente. Aquele que mata uma porca prenhe destrói toda uma prole até a milésima geração. Aquele que desperdiça uma coroa, destrói tudo o que ela poderia ter produzido, um grande número de libras. Lembra-te desse refrão: O bom pagador é dono da bolsa alheia. Aquele que é conhecido por pagar pontual e exatamente na data prometida, pode em qualquer momento levantar tanto dinheiro, quanto seus amigos possam dispor. Isto é às vezes de grande utilidade. Depois da industriiosidade e da frugalidade, nada contribui mais para um jovem subir na vida do que a pontualidade e a justiça em todos os seus negócios, portanto, nunca conserves dinheiro emprestado uma hora além do tempo prometido, senão um desapontamento fechará a bolsa do teu amigo para sempre”.

² Em : *Penny*, tradicionalmente traduzida para dinheiro, é o nome da de um centavo.

Devemos considerar até as mais insignificantes ações que afetem o crédito de um homem. O som de martelo soando às cinco da manhã ou às oito da noite ouvido por um credor fará com que o conceda mais crédito. Este credor passará a procurá-lo mais o indivíduo por estar constantemente trabalhando, do que alguém que passe o dia jogando bilhar ou transitando pelos bares.

Podemos observar esse contraste em uma passagem do poema de Stephen Duck: “The thresher’s labour”³, descrevendo uma situação de trabalho que passamos a ver como norma nos séculos XIX e XX:

*Nas tábuas fortes ressoam os bastões de macieira
E os celeiros devolvem o eco dos estrépitos
Ora no ar voam nossas armas nodosas
Ora com igual força lá em cima caem:
Para baixo, para cima, criam o ritmo tão bem,
Os morteiros dos ciclopes melhor não soariam
[...]
Em torrentes salgadas nosso suor acelerado desce
Cai dos anéis dos cabelos, ou escorre pela face
Não temos pouso em nosso trabalho
A sala barulhenta da debilha não pode parar
Se o mestre se ausenta, os outros brincam a salvo:
Mas a sala adormecida d debilha se trai
Nem para se distrair do trabalho tedioso
E fazer sorrir docemente os minutos que passam
Podemos, como os pastores, contar uma história alegre
A voz se perde, afogada pelo mangual barulhento
[...]
Semana após semana, fazemos essa tarefa monótona
Exceto quando os dias de joeirar criam outra nova
Nova realmente, mas em geral pior
Ela conta os alqueires, conta a quantidade do dia
Depois pragueja que vadiamos metade do tempo
Olhem aqui, seus patifes! Acham que isto basta?
Os seus vizinhos debilham duas vezes mais que vocês!”*

Nesta passagem é possível visualizar a existência de uma monotonia, a alienação do prazer em trabalhar e o antagonismo de interesses comumente atribuídos ao sistema de fábricas.

A partir do século XIV construíram-se relógios em igrejas e praças públicas em cidades e em grandes cidades mercados, porém a exatidão destes relógios tornaram-se motivos de discussões e o relógio de sol continuava em uso. Um grande progresso na exatidão dos relógios caseiros veio com o uso do pêndulo após 1658, quando começou espalhar-se a

3 Stephen Duck (1705-1756) foi um importante poeta Inglês cuja carreira reflete em interesses "naturais" e sua resistência à ausência de classes. Em 1730, Duck escreveu *o Thresher do Trabalho*, um poema que descreve a dificuldade do trabalho de campo. O poema foi comemorado em toda sociedade de Londres.

partir da década de 1660. Havia muitos relógios portáteis e não portáteis por volta de 1800, porém, não é tão claro que os possuía.

Na metade do século, o tempo marcado pelo relógio ainda pertencia aos mestres, aos fazendeiros e aos comerciantes, e talvez, a complexidade do formato e a preferência pelo metal mais precioso fossem uma maneira deliberada de acentuar seu simbolismo de status (THOMPSON, 1998).

Cobravam-se impostos sobre os relógios, e ao mesmo tempo os ministros alegavam que o uso de relógios portáteis e não portáteis eram artigos de “luxo”. Mas era impossível de se arrecadar imposto dessa forma, e na verdade, era compreendido como loucura, criador de um sistema de espionagem e um golpe contra a classe média (principalmente após o ministro exigir que os pais de família enviassem a lista de relógios que possuíam em suas casas).

Se pensarmos no relógio voltado para a tarefa, a atenção ao trabalho depende da necessidade da sincronização do trabalho. O sistema de trabalho em domicílio exigia busca, transporte e espera de materiais, e o mau tempo, poderia prejudicar não só a agricultura, mas a construção e o transporte. É inviável que se possa visualizar detalhadamente que ocorre uma divisão de tarefas e uma flexibilidade no ir e vir, pois o padrão de trabalho sempre alternava momentos de atividade intensa e de ociosidade quando os homens detinham o controle de sua vida produtiva. Embora muitas vezes prevalecesse o contrato anual, a remuneração semanal era pelo número de peças.

Segundo Thompson (1998) pela divisão do trabalho, supervisão do trabalho, sinos e relógios, incentivos em dinheiro, pregações e ensinamentos, supressão das feiras e dos esportes, formando novos hábitos de trabalho e impondo uma nova disciplina de tempo, mudança que levou várias gerações para concretizar-se, sendo possível duvidar até que ponto foi plenamente realizada.

Todavia, se houve mudanças e transformações a respeito do estudo do tempo, influenciando direta ou indiretamente o trabalho, quais mudanças seriam estas?

1.2. Tempo e trabalho: dimensões conceituais

A Sociologia desde o seu surgimento aborda a categoria tempo, em sua relação com o espaço, como uma categoria fundamental para a explicação e compreensão da realidade social. Já a filosofia antiga privilegiava o caráter intemporal e eterno da verdade e do universo, colocando a passagem do tempo em uma posição secundária de importância no pensamento filosófico. O tempo foi relacionado ao movimento e à numeração do movimento

pelo espírito pela primeira vez por Aristóteles. Santo Agostinho negava que houvesse uma divisão do tempo entre passado, presente e futuro, atribuindo ao tempo uma existência no espírito (Pietre, 1997 *apud* Cortinove, 2011, p. 226).

Nas sociedades modernas parece ser comum o indivíduo saber sua idade, e parece ser assombroso saber que em algumas sociedades os indivíduos têm dificuldades de dizer com precisão qual sua idade. Se o calendário, por exemplo, não for compartilhado por um determinado grupo, não se torna possível comparar o seu tempo de vida com a de outro, precisaria tomar como referência outras divisões repetitivas de uma padronização da escala da sociedade (ELIAS, 1998).

Podemos pensar como os indivíduos conseguiram viver em sociedades anteriores sem auxílio de um calendário, já que atualmente este meio tornou-se indispensável. (ELIAS, 1998). Sentimos a pressão do tempo cotidiano também nos relógios, e percebemos na medida em que envelhecemos a fuga dos anos no calendário.

O indivíduo não é capaz de falsificar o conceito de tempo, pois como a instituição social, vai sendo assimilado pela criança à medida que esta cresce em sociedade, que ambas as coisas são tidas como evidentes, como nos traz Elias (1998):

Ao crescer, com efeito, toda a criança vai-se familiarizando com o “tempo” como símbolo de instituição social cujo caráter coercitivo ela experimenta desde cedo. Se no decorrer de seus primeiros dez anos de vida, ela não aprender a desenvolver um sistema de auto disciplina conforme a essa instituição, se não aprender a se portar e a modelar sua sensibilidade em função do tempo, ser-lhe-à muito difícil, se não impossível, desempenhar o papel de uma adulto no seio dessa sociedade (ELIAS, 1998, p. 14).

Elias (1998) relaciona o aprimoramento do autocontrole individual sobre as práticas da vida cotidiana, como tempo das refeições, descanso, lazer com uma crescente internalização dos padrões civilizatórios modernos de repressão, pressupondo um movimento evolutivo para uma determinada direção, sendo compartilhado por diversos grupos sociais e pelos indivíduos.

O tempo foi tratado como eternidade para alguns pensadores como Isaac Newton e matematizado a partir de pensadores como Galileu Galilei (ALVES, 2008). Na modernidade a concepção de tempo ganhou a importância social que tem hoje. A Sociologia debruçou-se sobre as mudanças da vida social e suas abordagens concentraram-se nas mudanças da modernidade e da industrialização, fixando a relação tempo-espço e o controle do tempo como dispositivo de autocontrole e disciplina dos sujeitos no trabalho (ALVES, 2008).

Além de noções seriadas como “ano”, “mês”, “década”, outros conceitos, sincronizam as sequências como “antes” e “depois”, e as noções de “passado”, “presente” e “futuro”. Conceitos como passado, presente e futuro alternam-se conforme os grupos de referência, pois expressariam a “relação que se estabelece entre uma série de mudanças e experiências que uma pessoa ou grupo tem dela” (ELIAS, 1998).

A ideia de como tempo e trabalho se relacionam é ligada a um tipo de regime de dominação e regramento da vida social. A relação do regramento social do trabalho e o controle e disciplina no trabalho pode ser abordada a partir de duas lentes, da importância do regramento do tempo através da autodisciplina como elemento da socialização de uma certa relação/espaço/temporal e organização da vida comum, e ao que diz respeito à organização do tempo como instrumento de dominação imposto pela disciplina salarial que iniciou com o emprego da mão de obra assalariada, permitindo a passagem do trabalho por tarefa ao trabalho/horário (THOMPSON, 1998).

A importância dada aos relógios na sociedade industrial seria um reflexo da mudança de regime temporal entre sociedades do antigo regime e as sociedades industriais. A generalização dos relógios, ocorrida a partir do século XIV, foi ponto central na mudança da temporalidade. No final do século XVIII o mecanismo do relógio se consolidava como imagem, esta expandida para o universo por Isaac Newton (ALVES, 2008).

No período que antecede a Revolução Industrial, as exigências econômicas eram regidas pela religião e moral, e os usos do tempo eram relacionados à satisfação de necessidades objetivas domésticas ou da cidade.

Com a chegada da industrialização, estabilizou-se uma associação forte entre disciplinamento do tempo e mapeamento do espaço, em que o exercício do controle dependia simultaneamente da padronização do tempo e do controle sobre cada indivíduo em sua posição específica, seja dentro da fábrica, da escola, da família ou hospital (FOUCAULT, 2000 *apud* ALVES, 2008).

O trabalho vem passando por inúmeras transformações, com importantes implicações para a temporalidade social e para a teoria sociológica. Houve transformações na esfera da relação do estado com a produção e com o trabalho, acarretando na retração fordista e das políticas do Estado de bem-estar social, assentadas politicamente em garantias e proteções sociais financiadas pelo trabalho assalariado; transformações em nível de produção, substituindo a produção em massa pela produção em escalas menores com maior flexibilidade; expansão das telecomunicações, transformações do perfil do trabalhador e conhecimentos e formação requerida para trabalhadores dando ênfase a formação continuada

e desenvolvimento de competências ultrapassando a qualificação do fordismo e expansão das ocupações voltadas para produção de serviços (ALVES, 2008).

Alguns autores apontam para o modo de pensar, vestir e falar dos indivíduos que dividem o mesmo espaço e uma determinada empresa, como sendo constitutivos da identidade. O termo “identidade social” refere-se à consciência de pertencer a um determinado grupo social e à carga efetiva a que implica esta pertença. As estruturas sociológicas influenciam as representações que o indivíduo tem do eu (ROSSO, 2011).

A sociedade moderna é a sociedade do trabalho. O ato de trabalhar consome tempo do agente social e é executado em horários demarcados com certo rigor. Segundo Rosso (2011), o conceito de trabalho possui dimensões que dizem respeito a sua duração, distribuição e intensidade.

A quantidade de tempo que uma pessoa trabalha e a forma do uso do tempo, tornam-se socialmente relevantes a partir do momento em que o trabalho não é mais controlado pelo agente, e sim, por terceiros. Em contrapartida, pode ocorrer situações de conflitos, pressão, acordos, greves e imposições. Por isso, ao longo da história, os regimes organizaram-se em torno do trabalho heterônomo, escravos, feudais e outros. Estruturou-se sistemas completos ou parciais de classes e, potencializaram em torno do tempo de trabalho, uma questão social importante, como por exemplo, quantas horas os indivíduos deveriam trabalhar e o grau de intensidade que deveria fazê-lo (ROSSO, 2011).

O tempo de trabalho ganha maior dimensão social no sistema capitalista, e isto porque não adquire mais a pessoa do trabalhador, como do sistema escravo ou fabril, e sim, o tempo em sua força de trabalho. Surge então uma relação entre burguesia e proletário; empregadores e trabalhadores, dando espaço para o tempo de trabalho se conceituar.

As mudanças tecnológicas poderiam libertar o homem do trabalho. Mas elas parecem, ao contrário, colocá-lo sob pressão. Aliviam a fadiga física, mas aumentam a pressão psíquica. “As técnicas parecem eliminar o homem e, de fato, limitam sua utilização. Mas a causa pela qual elas difundem esse princípio de economia é a elevação irresistível do preço do homem e relação aos objetos” (COHEN, 2000 *apud* GAULEJAC, 2015).

O alívio do fardo físico é compensado por um investimento subjetivo aumentado:

“O homem moderno descobre hoje que uma sociedade que prospera, não é uma sociedade que liberta do trabalho, ao contrário do que pensam teóricos do fim do trabalho, as técnicas modernas não substituem o homem. Elas exigem que ele faça mais coisas. Para pagar sete vezes mais os funcionários hoje do que ontem, o capital exige por seu dinheiro que os operários façam igualmente sete vezes as mesmas coisas” (GAULEJAC, 2015).

Daí uma pressão, pelo tempo, pelos resultados, mas também pelo medo, que tem consequências terríveis, como por exemplo, estresse cultural, comportamento de adição, sentimento de invasão contra o que é difícil se defender, e sofrimentos que o indivíduo esconde; do contrário, se fossem expressos, ele ficaria visado. (GAULEJAC, 2015).

É possível visualizar nos estudos sobre tempo e trabalho as intensas transformações ocorridas ao longo dos séculos, que, sem dúvidas, são bastante significativas para a compreensão deste fenômeno que encontra-se presente no dia a dia dos indivíduos. Considerando o que chamamos de tempo, cabe refletir sobre a sua influência no mercado de trabalho. Percebemos que independente do uso dos relógios (muito utilizado para o controle da captação do tempo), este pode ser perfeitamente medido através de outras técnicas, como por exemplo, a subdivisão das tarefas, na atenção e cuidado a sobre época do plantio e colheita, entre outras. O tempo não é palpável, e sim, algo invisível para ser captado, e ao mesmo tempo, possui muita força sobre o controle dos comportamentos dos corpos, influenciando diretamente a sua vida privada ou pública.

É válido refletir sobre as mudanças que ocorreram até o século XXI, investigando a capacidade física e psíquica dos indivíduos na realização das diversas funções que lhe são designadas, e no tempo que lhe é destinado para isto. Devemos levar em consideração a ideia de que os indivíduos são capazes de exercer muitas funções ao mesmo tempo, porém, não podemos esquecer dos motivos que levaram a essa aceleração das atividades.

Através destas transformações que intitulo os sujeitos da atualidade, de indivíduos hiperdemandados, ou seja, indivíduos com um excesso de demandas e muitas vezes sobrecarregados.

Se observarmos as transformações que ocorreram em torno do tempo, ficam visíveis essas mudanças, principalmente no que concerne à divisão de tarefas. As mulheres foram conquistando o seu papel na sociedade a partir do século XX e através de intensas lutas. Se trouxermos para a realidade atual, ocorreram muitas modificações, visto que muitas mulheres são provedoras e delas provem o sustento da casa, fazendo com que muitas tenham, além do vínculo empregatício, outras diversas tarefas, tais como: estudar, cuidar da casa, cuidar dos filhos e até mesmo, em alguns casos, ter mais de um emprego para dar conta das despesas cotidianas.

Buscamos abordar neste capítulo algumas contribuições sobre o tempo e trabalho e suas implicações no dia a dia dos trabalhadores, através de um resgate teórico até os dias

atuais. Com isso, procura-se refletir a respeito do universo das mulheres, de modo a subsidiar a análise do perfil das trabalhadoras da indústria metal-mecânica

CAPÍTULO II – Mudanças no mercado de trabalho e papéis de gênero

O debate acadêmico sobre gênero e trabalho encontra-se situado em um contexto histórico relacionado a transformações ocorridas no atual mundo globalizado. Partindo do pressuposto de estudar o tempo, cabe aqui, uma reflexão acerca das mudanças ocorridas no mundo do trabalho, das relações e dos papéis que foram definidos para homens e para mulheres.

Neste capítulo abordaremos o conceito de divisão sexual do trabalho, apresentando algumas das transformações ocorridas ao longo dos anos no que diz respeito à vida profissional e ao trabalho das mulheres. Iniciamos com uma contribuição teórica sobre o tema, buscando situar o leitor nesta constante trajetória pela busca de igualdade de gênero no mercado de trabalho. Também buscaremos compreender como esta definição de trabalho para homens e mulheres está atualmente estabelecida.

Na seção 2.2 abordamos a variabilidade que existe quanto à persistência da divisão sexual do trabalho, podendo facilmente ser encontradas no tempo e no espaço, tornando possível visualizar suas mudanças e permanências.

O mundo globalizado encontra-se em constante transformação, influenciando diretamente na atual realidade do mercado de trabalho para homens e mulheres. É importante observar o contexto histórico (dimensões econômicas, aspectos culturais, valores partilhados socialmente, entre outros aspectos) para maior clareza e compreensão dos fatos.

Consideramos relevante salientar que os fatos não são dados, eles não acontecem por acaso, bem como, não existem por acaso. Há circunstâncias que contribuíram para que os fatos estejam da forma como estão, sendo indispensável considerar a historicidade como elemento explicativo da realidade social.

2.1. Mulheres no mercado de trabalho

Segundo Holzmann (2011), a divisão sexual do trabalho é a separação e distribuição das atividades de produção e reprodução social, de acordo com o sexo dos indivíduos. As sociedades têm definido, com mais ou menos rigidez, as esferas de trabalho que comportam trabalhos e tarefas considerados apropriados para um ou outro sexo.

Nas sociedades ocidentais, durante um considerável período ao longo da história, a esfera feminina restringiu-se a um mundo doméstico privado, da produção para o consumo do grupo familiar, da reprodução da espécie e do cuidado das crianças e idosos incapazes, enquanto que atividades de produção social e direção da sociedade foram atribuições especialmente masculinas.

Na sociedade industrial, o espaço de trabalho foi separado do espaço doméstico e manteve-se a concepção de que o lugar natural da mulher seria a casa, e sua função primordial seria ter filhos e cuidar deles, concepção paradoxal, à medida que grandes contingentes de mulheres e crianças foram se integrando na produção social, particularmente após a introdução da maquinaria (HOLZMANN, 2011).

A diferenciação da divisão social do trabalho na sociedade industrial repercute em mudanças, também continuadas e profundas, na divisão sexual do trabalho, sem terem erradicado a concepção de que ela decorre de fatores naturais. Eles não só atuam no direcionamento para a inserção e nas oportunidades de homens e mulheres no mercado de trabalho, como também sustentam a discriminação feita às mulheres, dificultando seu acesso a determinadas atividades, setores e postos de trabalho, em geral, os de maior prestígio social e melhor remuneração.

Nas últimas décadas do século XX, o Brasil passou por importantes transformações demográficas, culturais e sociais que tiveram grande impacto sobre o aumento do trabalho feminino. É possível citar a queda da taxa de fecundidade, sobretudo nas regiões e cidades mais desenvolvidas do país, até atingir 2,1 filhos por mulher, a redução no tamanho das famílias, que em 2005 passam a ser composta por 3,2 pessoas, em média, enquanto em 1992 tinham 3,7, o envelhecimento da população, com maior expectativa de vida ao nascer para as mulheres (75,5 anos) em relação aos homens (67,9 anos) e conseqüentemente, a presença feminina na população idosa e uma tendência demográfica significativa que passa a ocorrer a partir dos anos 1980, que é o crescimento acentuado de arranjos familiares que têm nas mulheres o principal suporte, os quais, em 2005, chegam a 30,6 % do total das famílias brasileiras residentes em domicílios particulares (FIBGE, 2006 *apud* Bruschini, 2007).

As trabalhadoras que em 1970 eram solteiras e sem filhos, agora são mais velhas, casadas e mães. Em 2005 encontra-se uma alta taxa de atividade feminina, 74 %, em mulheres de 30 a 39 anos, 69% das mulheres de 40 a 49 anos e 54% das de 50 a 59 anos também ativas (FIBGE, 2006 *apud* Bruschini, 2007).

TABELA 1 – Taxas de atividade segundo o sexo, no Brasil.

Sexo	1995	2005
Homens	75,3	73,6
Mulheres	48,1	52,9

Fonte: FIBGE/PNADs-Microdados *apud* Bruschini, 2007, p. 541, adaptada pela autora.

A primeira geração de estudos sobre o trabalho feminino, no Brasil, focou-se no olhar da produção, não levando em conta o fato de que o papel que a mulher ocupa na sociedade também é determinado por seu papel na família. Um debate teórico e pesquisas acerca do trabalho feminino iniciam quando o foco está na articulação entre o espaço produtivo e a família, pois para as mulheres, a vivência no trabalho implica a combinação dessas duas esferas, tanto no meio urbano como no meio rural.

Houve nos anos de 1970 e 1980 uma crítica às estatísticas oficiais, consideradas inadequadas para mostrar a real contribuição das mulheres à sociedade. Nos levantamentos feitos pelo IBGE, o trabalho doméstico realizado pelas donas de casa não era sequer contabilizado como atividade econômica (BRUSCHINI, 2007). Ao responder o questionário destes órgãos oficiais, quando declaravam que a sua atividade principal era “afazeres domésticos”, as classificavam como economicamente inativas, juntamente aos estudantes, aposentados, doentes, inválidos e os que vivem sem renda. Posteriormente, a partir das divulgações destes dados, foi possível obter informações sobre este conjunto de atividades, que consome tempo e energia, e considerá-los como não remunerado e não inatividade.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) considera afazeres domésticos no domicílio de residência as seguintes tarefas (que não se enquadravam no conceito de trabalho): arrumar ou limpar toda ou parte da moradia; cozinhar ou preparar alimentos, passar roupa, lavar roupa ou louça, com a utilização (ou não) de eletrodomésticos para a execução de tarefas para si e para outros moradores; orientar ou dirigir trabalhadores domésticos na execução de tarefas domésticas, cuidar de filhos ou moradores e limpar o quintal ou terreno da residência (BRUSCHINI, 2007).

Embora a presença dos homens nos afazeres domésticos seja inferior ao das mulheres, a presença dos homens nessas tarefas não pode ser desprezada. Entretanto, pesquisas que analisam a divisão sexual do trabalho das atividades domésticas chamam atenção para o fato de que os homens se envolvem em tarefas domésticas de maneira seletiva, como afirma (SORJ *apud* BRUSCHINI, 2007):

Os homens se envolvem, preferencialmente, em atividades interativas, como cuidar dos filhos, nas que envolvem interseção entre os espaços públicos e privados, como fazer as compras da casa ou levar os filhos ao médico, nas atividades intelectuais (como ajudar os filhos nos deveres escolares), em oposição às manuais e rotineiras, como lavar roupa ou limpar a casa, ou ainda, em tarefas domésticas valorizadas, como realizar uma culinária sofisticada.

Em pleno século XXI, as sociedades contemporâneas e o mundo globalizado ainda consideram as responsabilidades familiares e domésticas pertencentes quase que exclusivamente ao universo feminino, fator que contribui para as desigualdades.

A divisão sexual do trabalho e o não compartilhamento das responsabilidades familiares e domésticas limitam as possibilidades das mulheres que sejam elas negras ou brancas. É neste sentido, que o conceito de trabalho precisa ser (re)significado, tanto na perspectiva de gênero, quanto de uma ética humanística, de modo a considerar o trabalho reprodutivo⁴ como parte integrante do conceito de trabalho.

Relatórios da ONU (1995/96) dão conta de que as mulheres são responsáveis pela realização de 70% do trabalho mundial (trabalho produtivo + trabalho reprodutivo + gestão comunitária). Entretanto, detém apenas 10% dos salários em circulação e 1% dos meios de produção. Antiético, porque significa que a divisão entre produção e reprodução, está promiscuamente ligada à atribuição dos papéis femininos e masculinos socialmente construídos, valorizando um em detrimento do outro (FONSECA, 2004 *apud* BRUSCHINI, 2007).

Vimos até então que a participação dos homens em atividades domésticas são de cunho interativo e não manuais. Sabe-se que ambos muitas vezes possuem vínculo empregatício e ao mesmo tempo, realizam atividades nas suas casas e se envolvem com o cuidado e educação dos filhos. Todavia, é possível visualizar nas pesquisas apresentadas neste capítulo, que a mulher encontra-se mais hiperdemandada e hiperatarefada.

Cabe uma reflexão acerca das mudanças ocorridas em nossa sociedade, no que diz respeito ao mercado de trabalho, compreendendo como estes papéis foram fixados e definidos por gênero e sexo. Podemos pensar que a divisão entre produção e reprodução está ligada à atribuição dos papéis femininos e masculinos socialmente construídos, em que um é mais valorizado em detrimento do outro.

4 As condições de vida de mulheres e homens não são produtos de um destino biológico, mas, sim, fruto de construções sociais que têm como base material o trabalho e se exprimem através de uma divisão social do trabalho entre os sexos. Essa divisão sexual do trabalho reflete o fato que a maioria dos homens exerce suas atividades no mercado de trabalho capitalista (o chamado “trabalho produtivo”) e as mulheres dividem seu tempo “naturalmente” entre a produção de mercadorias fora de casa e a realização das tarefas domésticas relativas aos cuidados da família (o dito “trabalho reprodutivo”) (MELO e CASTILHO, 2008).

2.2. Gênero e Trabalho: as variabilidades do espaço

O campo de pesquisas sobre “gênero” ou “relações sociais de sexo” encontra-se em plena expansão. Partindo de um ponto de vista metodológico (HIRATA, 1995) podemos refletir sobre duas posturas para o avanço desta pesquisa. Uma levando em conta abordagens masculinas das relações sociais de sexo e divisão de trabalho entre homens e mulheres, e outra, baseada na análise do trabalho de certos instrumentos conceituais, pouco utilizadas até o momento nas pesquisas de sociologia do trabalho e relações de sexo.

Trazendo esta questão para Psicodinâmica do Trabalho, cabe refletir sobre o efeito de sublimação⁵, que de acordo com (DEJOURS *apud* HIRATA, 1995) pode igualmente contribuir para a análise da divisão do trabalho. A sublimação é sexuada tanto quanto o trabalho. Se a Psicanálise fez uma fusão entre a sublimação e o trabalho como atividade social, a Psicodinâmica do Trabalho (DEJOURS *apud* HIRATA, 1995) nos permite descobrir que nem todo o trabalho permite sublimação (como é o caso do trabalho doméstico). As duas condições requeridas para um processo de sublimação, o envolvimento com uma tarefa criativa, o pertencer a uma comunidade, não se encontra facilmente no universo das mulheres.

Outro ponto de reflexão sobre a masculinidade/feminilidade também se encontra em contribuição da psicodinâmica do trabalho (DEJOURS *apud* HIRATA, 1995) e da filosofia (COLLINS *apud* HIRATA, 1995) chamando a atenção para a virilidade ao se utilizar destas categorias para pensar o trabalho e a gestão sexuada do trabalho. Os estudos do trabalho segundo sexo e o par masculinidade/virilidade e feminilidade desvenda o poder dos estereótipos sexuais no trabalho: a virilidade associada ao trabalho penoso, sujo, insalubre, perigoso, requerendo coragem e determinação enquanto que a feminilidade é associada ao trabalho leve, limpo, que exige paciência (HIRATA, 1995).

Tanto a variabilidade quanto a persistência da divisão sexual do trabalho podem ser encontradas no tempo e no espaço. As pesquisas realizadas sobre relações sociais e divisão sexual do trabalho, efetuadas a partir de abordagens históricas, sociológicas e antropológicas, demonstram mudanças e permanências da divisão sexual do trabalho entre homens e mulheres

5 Na literatura psicanalítica, a *sublimação* é frequentemente considerada como um mecanismo ou um modo de defesa contra as pulsões. A *sublimação*, portanto, é um processo relativo à própria pulsão e não um engrandecimento do objeto, como a idealização. Com efeito, a *sublimação* propicia a possibilidade de atingir certo grau de satisfação sexual a despeito da defesa e pode ser considerada, grosso modo, como um alívio da pulsão.

no decorrer de diferentes momentos da História, fazendo um comparativo entre regiões e países.

Em um dos seus estudos realizado recentemente, Hirata (2011) aponta para o contexto econômico atual, onde um recente processo de precarização social, familiar e do trabalho foi desenvolvido. Esta crise social, propriamente dita, teve sérias repercussões sobre a precarização social e do trabalho em diversos países, suscitando desemprego maciço ainda em alguns países, como Japão e França.

No Brasil, foi registrada a elevação do desemprego no início da crise econômica desencadeada pelo mercado imobiliário estadunidense, no ano de 2008, quando centenas de trabalhadores com registro em carteira, foram desempregados da indústria automobilística e de outros setores, aprofundando consequências negativas de fenômenos de cunho neoliberal (como privatizações, diminuição de proteção social e redução de serviços públicos). Sendo assim, não nos cabe considerar a crise econômica e seus impactos, desconsiderando a questão do desenvolvimento do processo de globalização, já que a crise se desenvolveu no contexto de circulação acelerada do capital financeiro em âmbito mundial (HIRATA, 2011).

Segundo Mocelin e Silva (2008):

Muitos dos empregos típicos da atualidade se distinguem do modelo de emprego predominante que marcou o período compreendido entre o pós-guerra e a década de 1970. Entretanto, essa distinção não seria apenas um reflexo de mudanças organizacionais, mas também seria produzida pela mudança do perfil e das aspirações pessoais e profissionais dos trabalhadores. Há um conjunto de características desses empregos da atualidade: instabilidade, baixos salários, achatamento da estrutura hierárquica, polivalência e heterogeneidade da mão-de-obra.

Para Mocelin e Silva (2008) é neste contexto, que o setor de telecomunicações foi um dos mais marcados pelas transformações desencadeadas nas últimas décadas. Quase em todos os países, foi possível observar uma reestruturação do setor, movida, sobretudo, por inovações tecnológicas, tendo impacto importante no perfil dos empregados.

O desenvolvimento concomitante de setores como o da informática e processos computadorizados, tornaram possível a emergência e desenvolvimento de toda uma série de processos de trabalho e de emprego, como por exemplo, o desenvolvimento do telemarketing e os *call centers*. Com este setor em expansão mundial nos anos 2000, as condições de trabalho nem sempre são favoráveis às trabalhadoras e trabalhadores, suscitando o emprego do termo “neo-taylorismo”. (ZARIFIAN *apud* HIRATA, 2011). Levando em consideração que este trabalho é realizado por mulheres e jovens de ambos os sexos, trata-se então de um

trabalho relativamente limitado no tempo, e por vezes, temporário ou em transição, contribuindo para que haja intensificação no trabalho, baixos salários e precarização do emprego.

De acordo com (MOCELIN E SILVA, 2008) os *call centers* assumem uma posição central no novo cenário desenhado para o setor de telecomunicações, bem como, para outros setores econômicos. Parte da expansão dos serviços de *call center* decorre do crescimento do acesso aos serviços de telecomunicações, resultando na expansão de novas formas de contato e relacionamento entre as empresas de telefonia, televisão por cabo e provedores de internet e seus clientes, substituindo o atendimento face a face.

Outro exemplo, segundo Hirata (2011) trata-se de um setor recentemente em expansão, o *care*, com uma relação ao processo de migração internacional das mulheres em sua maioria, que trabalham no cuidado de outrem, idosos, crianças, docentes e deficientes, pessoal dependentes em geral. Com esta migração internacional desenvolvida no período da crise e precarização, indica uma centralidade das mulheres no mercado de trabalho como ativistas desse processo.

Do ponto de vista das transformações e no que tange a divisão sexual e do trabalho, considera-se o processo importante, pois aponta para uma diversidade muito grande das formas de trabalho do momento atual. Este processo de globalização tornou a diversidade mais nítida, pois justamente nele que as desigualdades entre os sexos, classes sociais e entre raças aparecem de uma maneira mais visível. Todavia, pode-se dizer também que no interior desse movimento há uma especificidade das mulheres pobres, precárias e sem teto.

Segundo Hirata (2011), no Japão estas mulheres formaram até uma rede, a Rede das Mulheres Pobres, incluindo não apenas mulheres “sem teto”, mas também, chefes de família, que também sofrem as consequências do desemprego dos homens, pois, no Japão, quando os trabalhadores são empregados regulares numa empresa, recebem um teto, e o fato de se tornar desempregado significa perder de imediato esse teto, sendo obrigado a encontrar formas alternativas de alojamento.

A partir dos anos 90 houve um aumento do emprego feminino, contudo, trabalho precário e vulnerável. Segundo Hirata (2011), uma das principais características da globalização numa perspectiva de gênero. Encontram-se mulheres trabalhando no setor formal e no setor informal, e também, o que podemos denominar de bipolarização dos empregos femininos: de um lado, encontram-se mulheres executivas exercendo profissões intelectuais, do outro, estão mulheres que se mantêm nas profissões tradicionalmente femininas.

No Brasil, a precarização do trabalho tem consequências diferenciadas para homens e mulheres. As mulheres são mais atingidas que os homens, mostrando que o número de trabalhadoras precárias mulheres (em torno de 30%) era maior que do trabalhador precário homem (em torno de 10%) (BRUSCHINI *apud* HIRATA, 2011). Pesquisas mais recentes, como as desenvolvidas por (Lombardi, 2010 *apud* HIRATA, 2011) mostram que essa tendência permanece:

As posições desiguais de homens e mulheres no mercado de trabalho se mantiveram no longo período analisado, mantendo-se importante contingente de doze milhões de trabalhadoras em posições vulneráveis e precárias (cerca de 1/3 das trabalhadoras contra apenas 8% dos trabalhadores), trabalhando na informalidade, em sua grande maioria, com ganhos reduzidos ou mesmo sem nenhuma remuneração, durante longas jornadas de trabalho e com reduzida ou nenhuma proteção legal (HIRATA, 2011).

Outra pesquisa realizada por (GUIMARÃES *apud* HIRATA, 2011) aponta que atualmente as mulheres constituem a minoria na classe operária fabril, em contrapartida, constituem a maioria no comércio e nos serviços, interligando a precarização do trabalho que atinge a categoria dos trabalhadores do terciário à sua composição sexuada.

Trazendo esta realidade para pensar saúde e trabalho, é preciso uma atenção sobre as consequências da intensificação do trabalho verificada nos últimos anos, sobre a saúde física e mental, e as consequências do trabalho precário induzido pela subcontratação e pelas formas ditas “atípicas” de trabalho (tempo parcial, trabalho temporário, etc). Mas o que todas estas mudanças ocorridas no mundo do trabalho podem ocasionar aos trabalhadores além de adoecimento físico, psíquico e mental?

Explorando o conceito sobre saúde do trabalhador, verificou-se, além dos sofrimentos citados anteriormente, a existência de alto grau de suicídios, como é o caso das muitas ocorrências na França. Contudo, o Brasil e o Japão também merecem especial atenção, constituindo-se em tema atual do ponto de vista científico e social. Na França, observou-se a falta de solidariedade, trabalho em equipe, isolamento social e assédio moral e psicológico como sendo os indutores de um aumento significativo dos suicídios relacionados ao trabalho nos últimos anos. No Japão, apresentaram-se índices de suicídios por excesso de trabalho, e também, por problemas econômicos, ligados diretamente àqueles que “não encontram trabalho”. No Brasil, onde a documentação é dispersa e poucas publicações conhecidas documentam e analisam a questão (MERLO *apud* HIRATA, 2011) sabe-se que nas repartições públicas, bem como nas empresas privadas, ocorrem suicídios relacionados ao trabalho.

É notório que as mulheres foram ganhando espaço para participação na nossa sociedade através de muita luta, buscando adquirir direitos igualitários aos dos homens, principalmente no que diz respeito ao trabalho. Todavia, cabe ressaltar, que estes espaços conquistados, não foram ao “acaso”. Devemos levar em conta as transformações e mudanças ocorridas na nossa sociedade e o período em que estas conquistas passaram a ocorrer.

Como já mencionado anteriormente, a realidade entre os países e suas culturas se diferenciam, e por isso, cabe pensar a questão do trabalho e inserção das mulheres no mercado de trabalho baseado nas especificidades de cada país separadamente.

O trabalho pode ser visto de diversas formas e pode ter valor diferente conforme o recorte sinalizado. No Japão, por exemplo, o trabalho é supervalorizado pelos homens, e na perda deste, as mulheres assumem o papel de mantedoras da casa, passando a fazer parte da “Rede das mulheres Pobres”. Também, os índices de suicídio ocasionados devido ao trabalho, referem-se a um trabalho, muitas vezes, excessivos, e na perda deste (ocasionado pela crise econômica). Na França verificou-se que a falta de solidariedade, trabalho em equipe, o isolamento social e assédio moral e psicológico são os principais causadores de suicídio entre os trabalhadores. Por fim, no Brasil, se observou alguns registros de suicídio e sofrimento no trabalho de forma bastante sucinta, demandando a carência de estudos sobre a temática.

É possível verificar, em alguns casos, a existência de mecanismos de sublimação, ou seja, uma forma dos trabalhadores insatisfeitos transferir o seu sofrimento ocasionado pela tensão do trabalho para outro objeto, como por exemplo, levar a insatisfação do trabalho para a agressividade no jogo de futebol, em lutas, etc. Mas como uma trabalhadora do lar poderia sublimar seu sofrimento? Neste caso, é provável que ela adoça psicicamente ou fisicamente.

Cabe refletir, também, sobre os empregos como telemarketing, *care*, setores ligados à informática e muitos outros criados a partir de uma demanda pela aceleração do processo produtivo, em consequência das transformações de um mundo globalizado.

Ao falarmos em hiperdemanda de trabalho, seria antiético ignorar seus anseios e suas demandas na realização das suas atividades, pois como vimos, profissões estão sendo criadas, e a aceitação das mulheres no mercado de trabalho ainda está em constante luta por direitos igualitários. Devemos pensar: a que custo estas pessoas estão empregadas e qual as condições proporcionadas a este trabalhador para manter-se ileso ao trabalho?

Não temos uma receita ou respostas prontas para pensar o universo feminino do trabalho, pois como bem vimos, muitas transformações históricas e globais influenciam para certas “aceitações” e “modificações” da realidade feminina. Trazendo para nosso objeto de

pesquisa, as mulheres trabalhadoras da indústria, nos cabe pensar que: “tudo muda, mas nada muda”.

Pensando a realidade das mulheres trabalhadoras da indústria metal-mecânica da cidade de Erechim, buscamos dados do Ministério do Trabalho e Emprego, no intuito de compreender através da comparação de variáveis selecionadas, segundo o sexo, como se encontra a realidade para estas trabalhadoras no mercado de trabalho.

CAPÍTULO III – Perfis de trabalhadores e desigualdades na indústria metal-mecânica de Erechim

Consideramos relevantes as transformações ocorridas no mundo do trabalho, principalmente, no que diz respeito à inserção das mulheres. Como já mencionado nos capítulos anteriores, as mulheres conquistam espaço no mundo do trabalho acompanhando as transformações da sociedade.

Pensar a importância de pesquisar esta temática, acerca do perfil das mulheres trabalhadoras da indústria, é uma das propostas deste capítulo. Buscamos realizar uma análise da realidade dos trabalhadores da indústria metal mecânica, visando um olhar atento às trabalhadoras, e considerando aspectos fundamentais para a compreensão do seu perfil, como: faixa etária, escolaridade agregada, horas contratadas, média salarial e tempo médio de emprego.

Na sessão 3.2 abordamos dados referentes à história do Distrito Industrial da cidade de Erechim.

Na sessão 3.3 apresentamos dados do banco de dados da RAIS referentes ao perfil dos trabalhadores da indústria, no que diz respeito a distribuição dos trabalhadores nos três subsetores que compõe a indústria metal-mecânica de Erechim, a distribuição dos trabalhadores por sexo, horas contratadas, escolaridade agregada, média de tempo na empresa e faixa etária, sempre considerando a comparação por sexo como elemento explicativo da condição feminina no emprego.

3.1 Distritos industriais

O termo Distrito Industrial tornou-se célebre por Alfred Marshall designando aglomerações de pequenas empresas na Inglaterra, no final do século XIX.

Marshall argumentou que a concentração de capital e o crescimento das empresas encontravam limitações nas chamadas “deseconomias de escala”, ou seja, nem toda atividade econômica pode ser desenvolvida por empresas de grande porte, existindo limites ao crescimento delas. Quando estas empresas cresciam, acabavam sendo obrigadas a externalizar parte de suas atividades, contratando fornecedores e serviços. Marshall e alguns autores, em estudos realizados na década de 1980, denominaram casos de aglomerações locais de empresas pequenas de “Distritos Industriais Marshalianos” (ROESE, 2011).

No século XX houve um intenso debate na Ciência Econômica sobre os chamados “limites ao crescimento da firma”, limites que abririam espaço para o crescimento dos distritos industriais. Na Sociologia retomou-se este debate nos anos 1980 acerca da discussão da “reestruturação industrial” focando a relação entre o porte das empresas e sua inserção na economia das sociedades locais.

Atualmente, nota-se que a dicotomia que caracterizou o debate em seus anos iniciais perdeu força, dando espaço para que predominem as políticas industriais. Estas políticas industriais, voltadas para as pequenas empresas (distritos), convivem com a política industrial dirigida aos grandes setores estratégicos e de infraestrutura, bem como Políticas de Ciência e Tecnologia visando tanto a setores de alta tecnologia, como a setores e regiões de menor intensidade tecnológica (ROESE, 2011).

3.2 Distrito Industrial da cidade de Erechim⁶

A área do Distrito Industrial da cidade de Erechim, Rio Grande do Sul, nasce de um Projeto de Lei Legislativo encaminhado pelo Vereador Luiz Aldemar Onhate, no dia 16 de Novembro de 1981.

Na sua justificativa consta que Irany Jaime Farina tinha um apreço pelas artes públicas. No ano de 1957, e junto de mais 58 agricultores, participou da fundação da Cooperativa Tritícola de Erechim – COTREL, atuando no Conselho Fiscal e depois como vice presidente. Irany Jaime Farina.

A atividade industrial é a grande geradora de empregos diretos e indiretos com alto nível de especialização, fabricando centenas de produtos comercializados no Brasil e exterior. Destaca-se máquinas e equipamentos pesados para diversos setores, metalurgia e plásticos, carrocerias de ônibus, furgões e equipamentos rodoviários, impressoras e equipamentos rodoviários, equipamentos para computadores, sistemas completos de cartões magnéticos, refrigeração hospitalares, produtos cerâmicos, balas, erva mate, entre outros.

Cabe aqui observar que desde a década de 50 a prefeitura municipal de Erechim tem adotado uma série de dispositivos legais, visando atrair indústrias para o município. O exemplo desde critério se verifica através da lei nº 196, de 17 de novembro de 1952, que sucede a isenção de impostos municipais a novas indústrias. Os dispositivos legais municipais demonstram a preocupação dos representantes do poder público municipal com o crescimento da economia da cidade de Erechim.

⁶ Dados retirados do Arquivo Histórico Municipal da cidade de Erechim - RS.

3.3 Perfil dos trabalhadores da Indústria Metal-Mecânica de Erechim: uma abordagem de gênero

Neste estudo, empreendemos uma análise do perfil dos trabalhadores da Indústria Metal Mecânica de Erechim, com um olhar voltado especificamente para o perfil das mulheres trabalhadoras da indústria. Abordaremos aqui dados referentes ao ano de 2014, retirados da base de dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério de Trabalho e Emprego.

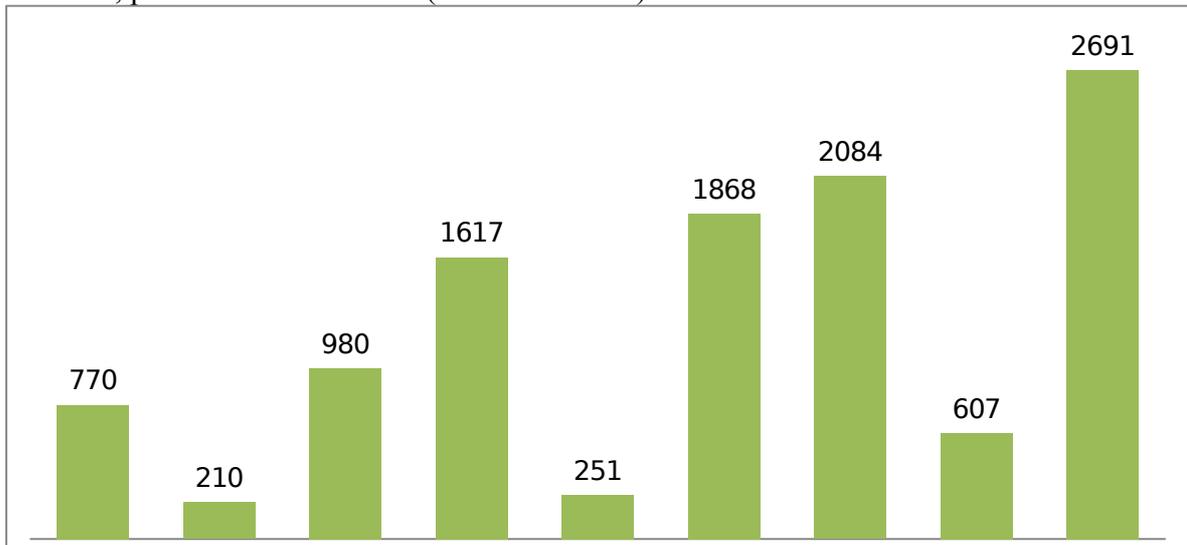
De acordo com SILVA (2011), a RAIS⁷ abrange todo o mercado formal do país e foi criada para suprir as necessidades de informações na área social. As bases de dados do RAIS, deriva do Ministério do Trabalho e Emprego e reúne informações prestadas anualmente. É importante ressaltar que a base de dados RAIS, utilizada no Capítulo III para subsidiar os indicadores relativos ao perfil sócio ocupacional dos trabalhadores da indústria metal mecânica do município de Erechim, organiza-se a partir dos registros dos trabalhadores ocupados em 31 de Dezembro 2014.

O que denominamos nesta pesquisa como Indústria Metal-Mecânica encontra-se no banco de dados da RAIS dividido em três indústrias diferentes, a saber: a) Indústria Metalúrgica; b) Indústria Mecânica e c) Materiais de Transporte. Buscamos apresentar, a partir dos dados encontrados, como o setor industrial da cidade de Erechim encontra-se subdividido no que tange a divisão sexual do trabalho.

Partindo deste pressuposto, buscamos mostrar no Gráfico 1 como estão divididos os trabalhadores da indústria a partir dos seus três subsectores.

7 Segundo o Ministério do Trabalho e Emprego, “originalmente a RAIS foi criada para conter informações destinadas ao controle de entrada da mão de obra estrangeira no Brasil, e os registros relativos para o FGTS, para subsidiar o controle de arrecadação e concessão de benefícios pelo Ministério da Previdência Social e para servir de base de cálculo do PIS/PASEP. Atualmente, em observância a dispositivo constitucional, viabiliza a concessão de pagamento do abono salarial e se constitui no único instrumento de governo para este fim.” (SILVA, 2011).

Gráfico 1 – Distribuição dos trabalhadores da indústria metal-mecânica do município de Erechim, por Subsetor do IBGE (dezembro/2014)



Fonte: RAIS/MTE. Elaboração própria.
N = 5.539.

Podemos constatar, através da análise da figura do **Gráfico 1** que 5.539 trabalhadores totalizam a mão de obra da indústria metal-mecânica. Nos três segmentos a presença dos homens prevalece. A presença das mulheres corresponde a 210 trabalhadoras na Indústria Metalúrgica, 251 na Indústria Mecânica e 607 trabalhadoras na Indústria de Material de Transporte (local onde há maior concentração de mulheres nos segmentos da indústria).

Analisando o total da população dos trabalhadoras da indústria através dos três subsectores, buscamos verificar como está a distribuição em percentuais para a indústria metal-mecânica como um todo. No **Gráfico 2** apresentamos dados a partir da divisão sexual do trabalho na indústria.

Gráfico 2 – Distribuição dos trabalhadores da indústria metal-mecânica do município de Erechim, por sexo (dezembro/2014).

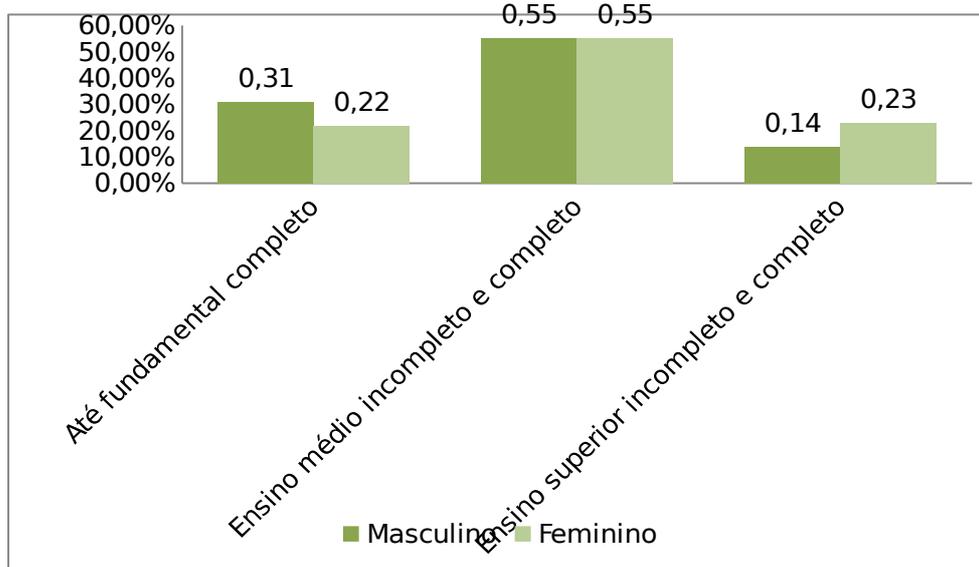


Fonte: RAIS/MTE. Elaboração própria.
N = 5.539.

Evidenciamos que a maior parte dos trabalhadores é constituída por homens, totalizando 80,72%. As mulheres, por sua vez, correspondem a 19,28%. Analisando o **Gráfico 2**, que aborda a indústria metal-mecânica como um todo, comprova-se o que já havíamos apontado no **Gráfico 1**, sobre a prevalência do sexo masculino dentro da indústria.

Conhecendo a divisão sexual do trabalho na indústria, buscamos identificar através do **Gráfico 3** qual o grau escolaridade agregada estabelecido para homens e mulheres, analisando a indústria metal-mecânica da cidade de Erechim na sua totalidade. Os dados observados consideram os seguintes níveis de ensino: Até ensino fundamental completo, ensino médio completo, e por fim, ensino superior completo ou incompleto.

Gráfico 3 – Distribuição dos trabalhadores da indústria metal-mecânica do município de Erechim, por escolaridade agregada (dezembro/2014).



Fonte: RAIS/MTE. Elaboração própria.

Homens: N = 4.471.

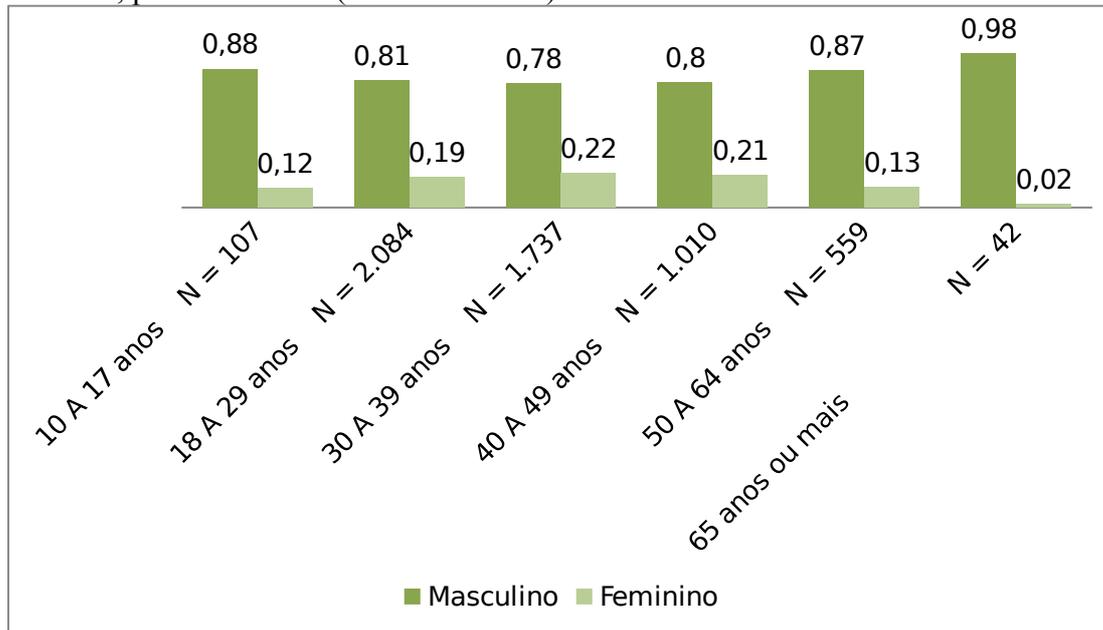
Mulheres: N = 1.068

No que diz respeito ao primeiro dado analisado, até ensino fundamental completo, percebemos 31,06% dos homens se inserem nessa faixa de instrução, já as mulheres 21,82%. A diferença encontrada para ensino médio completo entre homens e mulheres é pouca, sendo que 55,14% dos homens estão representados nessa faixa e 55,24% das mulheres. Já em relação ao ensino superior completo e incompleto, percebemos uma mudança, visto que as mulheres apresentam uma participação de 22,94% e os homens de apenas 13,80%.

Concluimos, através desta análise, algumas diferenças no que diz respeito à escolaridade agregada para homens e mulheres. Em ambos os sexos, a maioria dos trabalhadores possui ensino médio incompleto e completo. Contudo, o ensino fundamental prevalece entre os homens, enquanto que é possível constatar que as mulheres apresentam indicadores superior em relação ao ensino superior, o que sugere que a mão de obra feminina é mais escolarizada do que a masculina na indústria metal-mecânica do município de Erechim.

Buscamos também, através do **Gráfico 4**, conhecer a realidade a dos trabalhadores da indústria metal-mecânica em termos de faixa etária.

Gráfico 4 – Distribuição dos trabalhadores da indústria metal-mecânica do município de Erechim, por faixa etária (dezembro/2014).

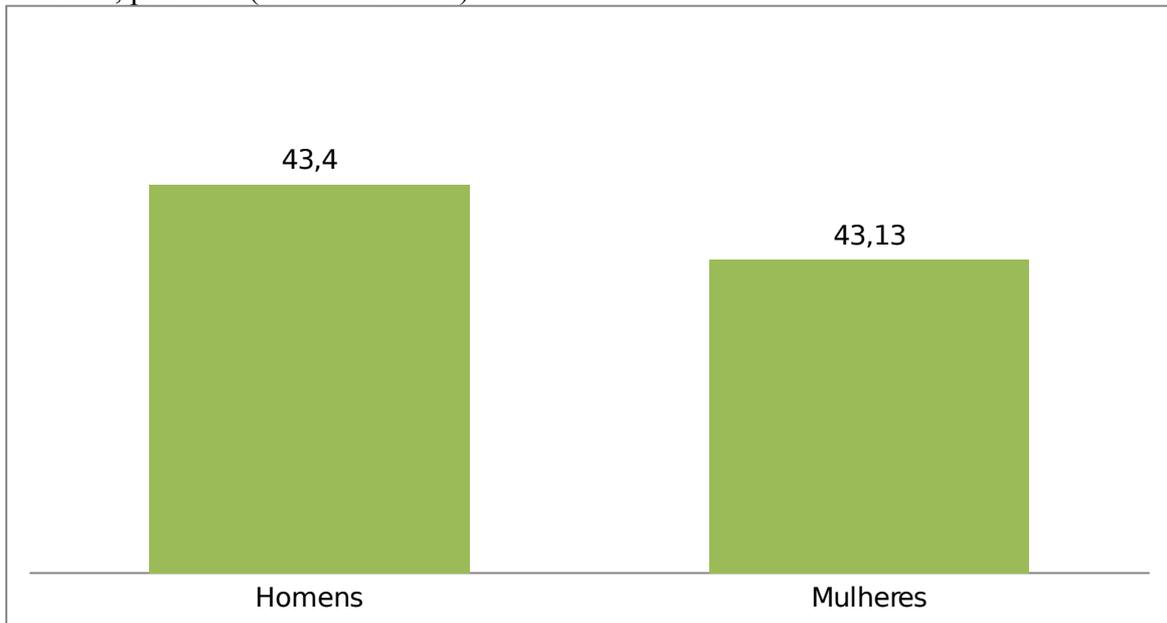


Fonte: RAIS/MTE. Elaboração própria.

A análise do Gráfico 4 permite constatar que os homens são maioria em todas as faixas de idade. Por seu turno, a maior presença feminina situa-se nas faixas intermediárias de idade. O percentual mais elevado situa-se entre os 30 e 39 anos de idade. Por outro lado, a faixa etária em que há menor participação feminina é a que corresponde a idade superior a 65 anos. Isso pode ser explicado, sobretudo, pelo fato das mulheres terem direito a aposentaria antes dos homens.

Considerando o nosso anseio em estudar a dupla jornada das trabalhadoras da indústria, entendemos que é de extrema importância verificar as horas contratadas dentro da empresa. Desse modo, apresentamos no **Gráfico 5** as horas contratadas para homens e mulheres na indústria metal-mecânica.

Gráfico 5 – Horas contratadas dos trabalhadores da indústria metal-mecânica do município de Erechim, por sexo (dezembro/2014).

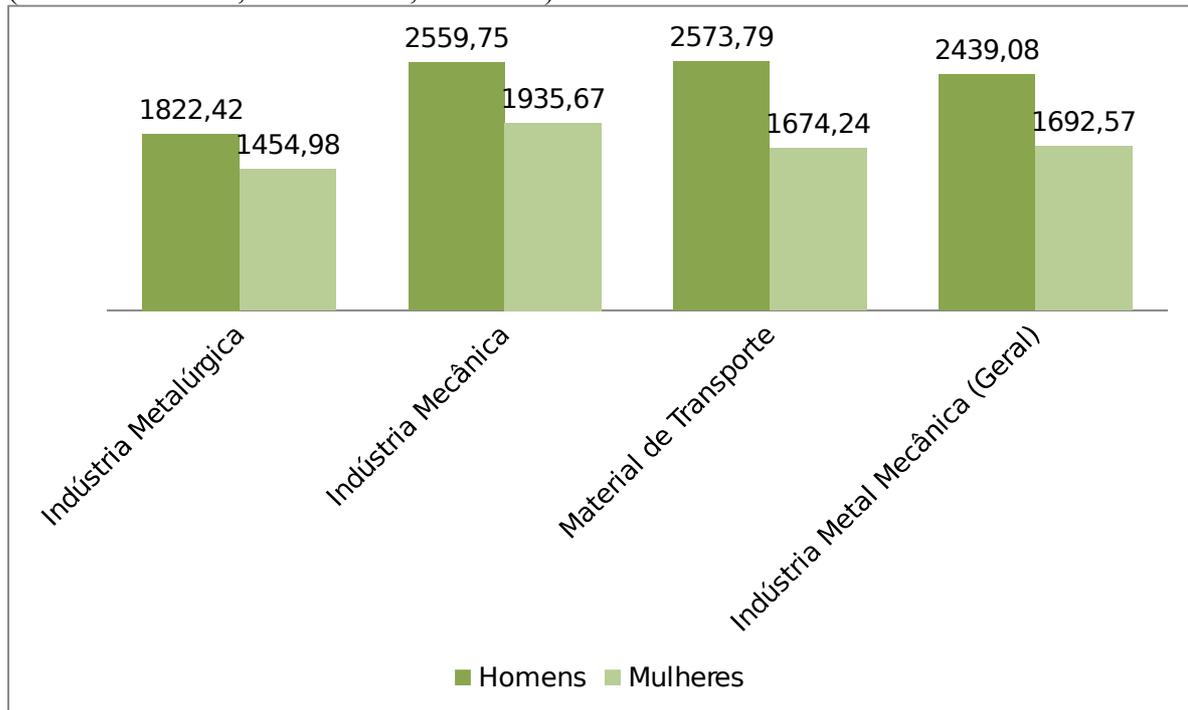


Fonte: RAIS/MTE. Elaboração própria.

É possível visualizar na figura do **Gráfico 5** que as horas contratadas por homens equivale à 43,4 horas e das mulheres 43,13 horas, indicando que existe pouca diferença entre os sexos. Esse indicador demonstra que ambos os gêneros cumprem jornadas de trabalho similares no mercado de trabalho formal. Contudo, conforme demonstram os estudos apresentados no Capítulo II, a dupla jornada é uma realidade para a maioria das mulheres, sobretudo para aquelas que são mães ou únicas provedoras da unidade familiar.

Após analisar as horas contratadas para homens e mulheres, buscamos identificar a média salarial designada para estes trabalhadores. No **Gráfico 6** analisamos o salário médio para homens e mulheres, no que diz respeito aos três subsetores que totalizam a indústria metal-mecânica de Erechim.

Gráfico 6 – Salário médio na indústria metal-mecânica do município de Erechim, por sexo (valores nominais, média anual, em Reais).



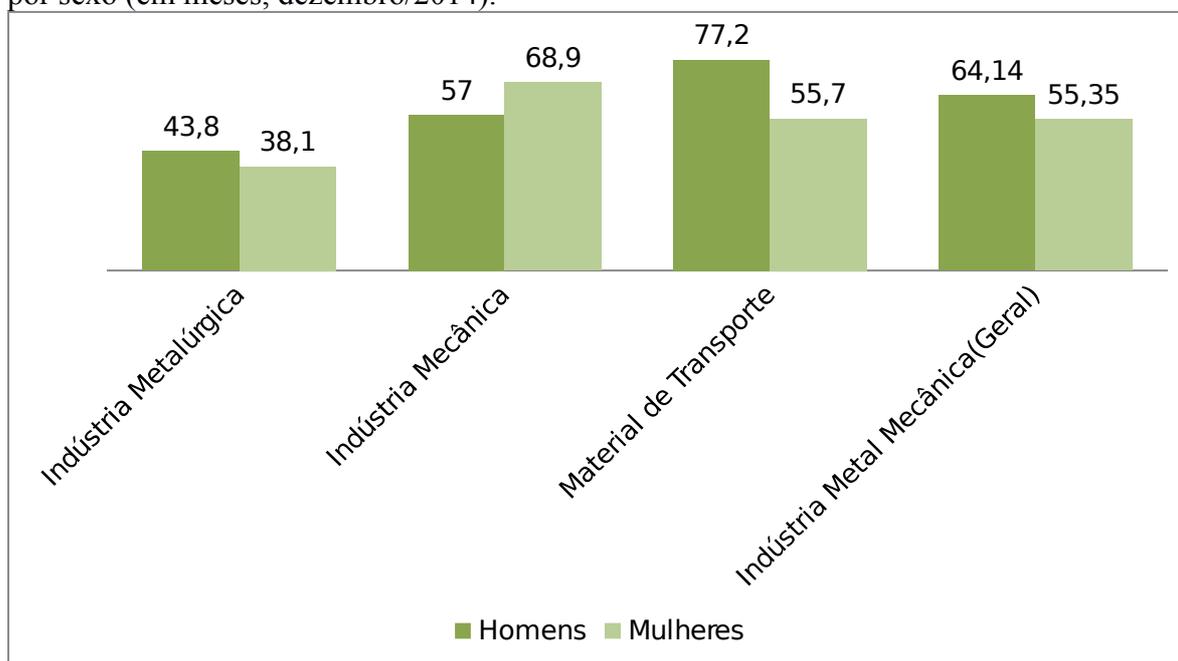
Fonte: RAIS/MTE. Elaboração própria.

Analisando a média salarial dos trabalhadores nos três subsetores da Indústria metal-mecânica de Erechim, constatamos que o salário dos homens é superior ao salário das mulheres, apresentando uma média geral de R\$ 2,439,08 para os homens e R\$ 1.692,57 para as mulheres.

Dos três segmentos analisados, todos prevalecem o salário maior para homens, sugerindo uma elevada desigualdade salarial no setor. Podemos destacar que o maior salário para as mulheres diz respeito à Indústria Mecânica, totalizando R\$ 1.935,67, e o mais baixo na Indústria Metalúrgica totalizando R\$ 1.454,98. A Indústria de Material de Transporte apresenta-se entre as analisadas, trazendo uma questão importante para ser pensada: se é na Indústria do setor de Material de Transporte que se concentra a maioria das mulheres com ensino superior completo ou incompleto, porque elas tem o salário menor que o setor da Indústria Mecânica, e principalmente, inferior ao salário dos homens? Através das análises realizadas até o presente momento, é possível visualizar as desigualdades entre homens e mulheres, aspecto recorrente em todos os segmentos que compõem a indústria metal-mecânica de Erechim.

Por fim, consideramos, importante analisar através do **Gráfico 7** o tempo médio de emprego dos trabalhadores, verificando esta realidade por cada subsetor que compõe a indústria metal-mecânica, por sexo.

Gráfico 7 – Tempo médio de emprego na indústria metal-mecânica do município de Erechim, por sexo (em meses, dezembro/2014).



Fonte: RAIS/MTE. Elaboração própria

Através da análise, observamos que apenas no subsetor Indústria Mecânica o tempo médio de emprego das mulheres é superior ao dos homens, totalizando 68,9 meses. Nos outros subsetores, como Indústria Metalúrgica e de Material de transportes, os homens possui maior tempo médio de emprego.

Mediante a análise dos dados, percebemos que o índice de mulheres com ensino superior completo ou incompleto é superior ao dos homens, na indústria metal-mecânica de Erechim. Mas, ao analisarmos a média salarial dos trabalhadores evidenciamos que as mulheres possuem salários inferiores. As mulheres também permanecem por menos tempo no emprego, quando comparado com os homens, exceto na indústria mecânica.

Através da análise dos dados é notória a diferença que existente em relação às condições de emprego de homens e mulheres, o que acarreta em assimetrias na divisão sexual de trabalho dentro da indústria metal-mecânica de Erechim. Na análise realizada, fica evidente que mesmo os indicadores de escolaridade serem favoráveis às, seu salário é inferior ao dos homens.

Chamamos a atenção para a análise das horas contratadas para homens e mulheres, visto que constatamos uma diferença muito pequena, sendo homens 43,4 horas semanais e mulheres 43,13 horas semanais e refletimos sobre o que já foi mencionado nos capítulos anteriores. Mesmo que as jornadas laborais, no mercado de trabalho formal, sejam semelhantes, a

mulher ainda precisa disponibilizar tempo para o trabalho doméstico, cuidado dos filhos, etc., o que pode acarretar na dupla jornada de trabalho destas trabalhadoras.

Partindo do pressuposto que exista uma hiperdemanda na vida dessas trabalhadoras, exigindo atenção para além das horas contratadas na empresa, atenção e tempo voltado e dedicado para as questões singulares de cada uma, em que medida elas conseguem lidar com isso e cabe refletir se o papel destinado, e muitas vezes imposto, a elas foram determinados pela nossa sociedade.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa buscou compreender e conhecer o perfil das mulheres trabalhadoras da indústria. Para este entendimento, utilizamos a base de dados da RAIS, propondo uma investigação acerca das informações coletadas a respeito do perfil dos trabalhadores da indústria metal-mecânica da cidade de Erechim, em especial a mão de obra feminina.

Para este percurso, construímos, com alguns autores, o entendimento sobre as transformações ocorridas no mundo do trabalho nas últimas décadas, na busca de compreender o quanto estas mudanças têm influência no que tange a divisão sexual do trabalho. Também buscamos aprofundar o processo histórico da construção de estudos do tempo, para o entendimento da divisão social do trabalho entre homens e mulheres, na compreensão de que as mulheres foram construindo o seu fazer, marcado por transformações, retrocessos, estagnações e avanços, em um processo político-social na busca de igualdade de direitos.

O estudo sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho permeia o interesse e os anseios desta pesquisa, já que temos por objetivo compreender a realidade das mulheres trabalhadoras da indústria metal-mecânica da cidade de Erechim. Para isso, buscamos inicialmente elencar importantes estudos realizados sobre esta temática, juntamente com estudos relacionados ao tempo. Considerando que muitas mulheres são provedoras de seus núcleos familiares, portanto, delas provem o sustento da casa, torna-se ainda mais emblemático que muitas tenham que realizar outras tarefas, como: estudar, ser dona de casa, cuidar dos filhos e até mesmo, em alguns casos, ter mais de um emprego para encobrir os gastos da casa. Como já mencionamos anteriormente, nos estudos de Bruschini (2007), considera-se trabalho atividades como: lavar ou secar louça, cuidar do lote, cuidar de moradores, dos filhos, entre outras. Também, nos mostra que os homens contribuem nos cuidados dos filhos, idas ao supermercado, porém, não se detêm tanto quanto as mulheres a trabalhos mais manuais, ficando para eles os mais superficiais. Buscamos resgatar através do Capítulo 1 as importantes contribuições teóricas sobre o a questão entre tempo e do trabalho. Para que possamos iniciar um estudo levando em consideração a dupla jornada de trabalho das mulheres, cabe compreender como alguns papéis foram se estabelecendo para homens e mulheres durante os processos de transformação da sociedade.

Apresentamos no Capítulo 2 algumas das transformações ocorridas ao longo dos anos, no que diz respeito à vida profissional e ao trabalho das mulheres. Buscamos situar o leitor na

trajetória pela busca de igualdade de gênero no mercado de trabalho, bem como, apresentar as variabilidades existentes quanto à persistência da divisão sexual do trabalho, encontrada no tempo e no espaço, visualizando suas mudanças e permanências.

Sabemos que a atual realidade do mercado de trabalho para homens e mulheres é influenciada pelas transformações vividas no mundo globalizado ao qual estamos inseridos. Como já mencionado anteriormente, cabe observar sobre os fatos, que estes não são dados, não acontecem por acaso e não existem por acaso. É preciso considerar os fatores que contribuíram para que as coisas estejam da forma como estão, sendo indispensável considerar a historicidade como elemento explicativo da realidade social.

No Capítulo 3 buscamos trazer, através dos dados da RAIS, o perfil dos trabalhadores da indústria metal-mecânica de Erechim, sobretudo no que diz respeito às diferenças nas inserções de homens e mulheres. Considerando que nosso objeto de pesquisa permeia sobre a realidade das mulheres trabalhadoras da indústria, buscamos analisá-las com mais rigor e carinho.

Evidenciamos algumas diferenças no total de trabalhadores que atualmente fazem parte da indústria, onde a maioria dos trabalhadores é do sexo masculino.

Um dado que nos chamou atenção, diz respeito ao grau de escolaridade agregada predominar nas mulheres do setor de Materiais de Transporte, e o fato de seu salário ser inferior ao dos homens. Cabe refletir que mesmo as mulheres com maior grau de escolaridade têm a sua mão de obra menos valorizada dentro da empresa, hipótese comprovada através das análises dos gráficos.

Realizamos uma pesquisa de cunho quantitativo, devido ao curto período de tempo destinado à realização desse TCC. Sabedores do tempo necessário para que o projeto de pesquisa tramitasse no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFFS, optamos pela pesquisa quantitativa, mesmo que a realização de um estudo qualitativo fosse mais apropriado. Porém, consideramos importante que em um próximo momento, em novos estudos, que seja realizada uma pesquisa qualitativa, no intuito de dar voz a estas trabalhadoras e, assim, compreender o cotidiano singular de cada uma delas e os efeitos da dupla jornada sobre as suas vidas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Daniela Alves de. **Gestão, produção e experiência do tempo no teletrabalho**. 2008. 246 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

ARQUIVO HISTORICO DE ERECHIM. (S/A), 19??.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 537-572, Dec. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742007000300003&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 17 Nov. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742007000300003>.

CORTINOVE, Bruno. Resenha Filosofia e Ciência do Tempo. **Revista Páginas de Filosofia** [online]. 2011, v.3 n. 1-2, p. 105-109, janeiro/dezembro, 2011. ISSN: 2175-7747. . Acessado em 16 de jun. 2015

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015. 175 p.

GAULEJAC, Vincent de. **Gestão como Doença Social: Ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. Aparecida: Ideias & Letras, 2007. 338 p. (Coleção Management).

HIRATA, Helena. Divisão - Relações Sociais de Sexo e do Trabalho: contribuição à discussão sobre o conceito de trabalho. **em Aberto**, Brasília, v. 65, n. 15, p.39-49, jan/mar. 1995. Trimestral.

_____. Tendências recentes da precarização social e do trabalho: Brasil, França, Japão. **Cad. CRH**, Salvador, v. 24, n. spe1, p. 15-22, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792011000400002&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 17 Nov. 2015.

HOLZMAN, Lorena. Divisão Sexual do Trabalho. In: CATTANI, Antonio David; HOLZMANN, Lorena (Org.). **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**. 2. ed. Porto Alegre: Zouk Editora, 2011. p. 125-127.

MELO, Hildete Pereira de; CASTILHO, Marta. Trabalho reprodutivo no Brasil: quem faz?. **Rev. econ. contemp.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 135-158, Apr. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-98482009000100006&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 18 Nov. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-98482009000100006>.

MINAYO, Maria C.S. **O desafio do conhecimento**: Pesquisa qualitativa em saúde. 12ª edição. São Paulo: Hucitec; 2012. P. 406

MOCELIN, Daniel Gustavo; SILVA, Luís Fernando Santos Corrêa da. **O telemarketing e o perfil sócio-ocupacional dos empregados em call centers**. Cad. CRH, Salvador, v. 21, n. 53, p.361-383, ago. 2008. Disponível em: <>. Acessado em 15 nov. 2015. .

PERRONE-MOISES, Beatriz. Conflitos recentes, estruturas persistentes: notícias do Sudão. **Rev. Antropol.**, São Paulo, v. 44, n. 2, p. 127-146, 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012001000200004&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 01 Dec. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012001000200004>.

ROESE, Mauro. Distritos Industriais. In: CATTANI, Antonio David; HOLZMANN, Lorena (Org.). **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**. 2. ed. Porto Alegre: Zouk Editora, 2011. p. 121-124.

ROSSO, Sadi dal. Tempo de Trabalho. In: CATTANI, Antonio David; HOLZMANN, Lorena (Org.). **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**. 2. ed. Porto Alegre: Zouk Editora, 2011. p. 418-423.

SILVA, Luís Fernando Santos Corrêa da. **Percursos Desiguais**: Trajetórias ocupacionais dos trabalhadores no setor de telecomunicações no período pós-privatização. 2011. 241 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

THOMPSON, Edward P.. **Costumes em Comum**: Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 493 p.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia e outros Escritos**. São Paulo: Abril Cultural, 1974. 272 p. (Os Pensadores).